

## ARTESANATO E CULTURA POPULAR

Taiane Oliveira da Silva<sup>\*</sup>  
Fabio Mariano Cruz Pereira<sup>\*\*</sup>  
Letícia de Castro Borges<sup>\*\*\*</sup>  
Maria Helena Ochi Flexor<sup>\*\*\*\*</sup>

**Resumo:** *Este artigo apresenta o trabalho de pesquisa de um grupo do Curso de Design da UNIFACS, que visa estudar o design popular e vernacular. Nesta pesquisa, na presente etapa, busca-se estudar o artesanato, considerando-o como manifestação cultural. Busca-se distinguir manifestações correlatas, como arte popular, folclore, design popular, informal ou vernacular. Além de servir como base para identificar e definir design popular, informal ou vernacular, este estudo visa valorizar o artesanato, buscando estabelecer a sua identidade e promovê-lo dentro das próprias comunidades, como um meio de sobrevivência econômica. Estas definições postas permitirão a equipe ter bases sólidas para, igualmente, de um lado, tanto definir e classificar o tipo de design em estudo, quanto analisar criticamente a interferência dos designers contemporâneos nas formas de expressão popular, transformando a produção artesanal como um sub-produto industrial.*

*A metodologia utilizada baseia-se, sobretudo, na análise e síntese, além da comparação, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, usando a técnica de entrevistas informais e dirigidas, e levantamento iconográfico.*

**Palavras-chave:** Artesanato; Design; Cultura popular.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz parte de um projeto desenvolvido no Curso de Design da UNIFACS, no grupo de pesquisa que se convencionou chamar Cozinha Popular e que visa estudar, sobretudo, o design informal, popular e vernacular. Este grupo faz parte de um grupo maior, denominado A Casa do Tipo<sup>1</sup>, devidamente inscrito no CNPq, e que vem elaborando pesquisas nas áreas de tipografia e design editorial. Para poder definir estes conceitos e classificar as peças em princípio de catalogação, começou-se a trabalhar com artesanato, buscando não só conhecê-lo, mas interferir, na medida do possível, nas comunidades que o praticam, sobretudo aquelas que vêm sendo alvo da interferência de profissionais do design. Este trabalho, nesta etapa, tem um olhar voltado só para o artesanato e para uma finalidade social: a promoção da cultura e condições de vida popular, através do artesanato.

Com o advento da indústria, e especialmente com o avanço tecnológico nos últimos cinquenta anos, esta forma de manifestação tem sofrido as conseqüências de pesadas concorrências na comercialização de suas peças, pois, cada vez mais, o gosto pela cultura industrial vem se inserindo nas comunidades de todos os níveis sociais.

Leo Huberman, em seu livro *História da Riqueza do Homem* (1959, p.189), já afirmava:

<sup>\*</sup> Taiane Oliveira da Silva (Aluna de graduação/Design/Unifacs/E-mail: [taioliver@gmail.com](mailto:taioliver@gmail.com) /autora).

<sup>\*\*</sup> Fabio Mariano Cruz Pereira (Aluno de graduação/Design/Unifacs/E-mail: [fabiomcpereira@gmail.com](mailto:fabiomcpereira@gmail.com) / co-autor).

<sup>\*\*\*</sup> Letícia de Castro Borges (Aluna de graduação/Design/Unifacs/E-mail: [leticia.borges@gmail.com](mailto:leticia.borges@gmail.com) /co-autora).

<sup>\*\*\*\*</sup> Maria Helena Ochi Flexor (Professora graduada em História na USP/Doutora/História da arte/USP/E-mail: [mariamf@ucsal.br](mailto:mariamf@ucsal.br) / revisora e orientadora).

<sup>1</sup> Fazem parte ainda desse grupo: a Sala do Tipo e o Quarto Editorial.

...Com a chegada das máquinas e do sistema fabril, a linha divisória se tornou mais acentuada ainda. Os ricos ficaram mais ricos e os pobres, desligados dos meios de produção, mais pobres. Particularmente ruim era a situação dos artesãos, que ganhavam antes o bastante para uma vida decente e que agora, devido à competição das mercadorias feitas pela máquina, viram-se na miséria.

Cabe lembrar que este escrito data dos finais da década de cinquenta e confirma que o problema, até aqui, não mudou muito, apesar das influências de diversas regiões do Brasil, nas quais se procura resgatar práticas artesanais. Os problemas sociais, trazidos pela máquina foram inúmeros, desde o aumento da distância entre as classes econômicas na sociedade até a desvalorização social e econômica do artesão.

O objetivo principal deste trabalho é identificar possibilidades de promoção do artesanato, com a intenção de resgatar as raízes mais próximas da originalidade das comunidades praticantes, e visando, na medida do possível, despertar o interesse dessas comunidades no sentido de gerar emprego para a população de baixa renda, material para o mercado turístico e a valorização da sua cultura popular.

Para tanto, tem-se pesquisado não só algumas comunidades da Bahia que se dedicam ao artesanato, mas também se busca resgatar o conceito de artesanato, sobretudo tendo em vista, como dito, a interferência muito intensa dos designers nessa atividade, visando apontar, num futuro próximo, os pontos positivos e negativos dessa associação. Busca-se, também, diferenciar as atividades do artesão, do designer, do artista popular, entre outros.

Portanto foram adotados técnicas e procedimentos metodológicos, como levantamento bibliográfico (com material impresso, eletrônico e documental), que sustentam o método de abordagem, aqui escolhido, o de análise e síntese, auxiliado pelo comparativo e, na medida do possível, pelo histórico. A pesquisa iconográfica será auxiliada pela técnica de entrevista informal e dirigida, com questionários que contribuirão para a qualidade do trabalho, além de depoimentos de integrantes das comunidades de artesanato.

## O ARTESANATO E O DESIGN: BUSCA DE CONCEITOS

Fenômeno semelhante ao acontecido com a revolução industrial vem ocorrendo, atualmente, com o desenvolvimento dos meios digitais. A classe de trabalhadores, antes capacitados para a produção em série, são agora desqualificados pelo ritmo acelerado das novas tecnologias. Muitos desses trabalhadores começaram a centrar o seu interesse em trabalhos manufaturados, como a arte popular, o design popular, informal ou vernacular e, especialmente, o artesanato, hoje apoiado por entidades como o SEBRAE, em face das dificuldades de geração de emprego e renda para as comunidades mais carentes.

Incentivados pelo SEBRAE, tanto na Bahia, quanto no Brasil, vem-se verificando a ação direta dos designers nas comunidades de artesanato, tornando-se comum a sua interferência nos métodos de produção e criação ao impor seus olhares e fazeres acadêmicos nos trabalhos dos artesãos. A consequência disso é a criação de novas formas, composições, cores, fazendo as peças tradicionais perderem suas características genuínas e originais, ao deixarem de refletir a cultura da expressão popular para dar espaço à notável influência da cultura industrial.

Como atividade dos mais genuínos aspectos da expressão popular, o artesanato é um trabalho muito antigo, caracterizado, principalmente, pelo uso de técnicas que passaram de geração em geração, sofreram algumas modificações através dessas gerações, mas mantiveram, até há bem pouco tempo, suas características mais originais.

Por outro lado, verificou-se que o artesanato e sua tradição, nos últimos cinquenta anos, vêm sofrendo certa desvalorização, em especial nas regiões mais industrializadas do Brasil, mas que tem se refletido em outras capitais, devido às facilidades de comunicação através das mídias contemporâneas. Além do mais, isto se deve ao fato, como já dito, da interferência dos designers

nas obras de artesanato, de forma muitas vezes considerada equivocada, levando à perda de sua essência e tornando-o um produto de cunho industrial.

O artesanato, assim como a arte popular, é uma das expressões do povo, constituindo, na maioria das vezes, a sua própria identidade. O design, por outro lado, pode criar uma representação de identidades de produtos, culturas ou de um país, porém com diretrizes fortemente ligadas ao projeto e à produção industrial. Dessa forma, o artesanato e o design constituem manifestações diferentes, especialmente quanto ao tempo do processo de formação dessa identidade; está voltado ao projeto e à produção industrial, que é diferente conforme as modas, enquanto o artesanato identifica uma comunidade depois de ir sendo materializado através de gerações.

Sendo assim, nesta primeira fase, estão sendo realizadas pesquisas acerca da conceituação de cada manifestação de caráter popular. Além de definir artesanato e design, se buscam as definições de folclore, arte popular, design informal, popular e design vernacular, conforme pode ser verificado no quadro abaixo:

Atividades que não visam atender necessidade(s)		
<b>Arte Popular</b>	Manifestação do povo refletindo uma expressão artística; Possui carga estética popular; A arte está acima da moral	
<b>Folclore</b>	Expressão popular lúdica (fantasiosa), tradicional; Feito do povo para o povo, abrangendo também a camada social elitista;	
<b>Artesanato</b>	<i>Finalidade não-lucrativa</i>	Feito para exposição; decorativo; Tem carga estética pessoal; Não é produzido em série; É mais artístico e pessoal; É a essência pura e primitiva do artesanato.
	<i>Finalidade lucrativa</i>	É continuidade do artesanato não-lucrativo; É produzido em série e com objetivo de representar uma cultura local; É artístico e o trabalho continua sendo pessoal.

Atividades que visam atender necessidade(s)	
<b>Design</b>	Visa atender a uma necessidade pública; É direcionado para a produção em larga escala; Exige do profissional conhecimento científico; Segue uma orientação projetual teórica; Não está acima da moral, trabalha com as convenções e os conceitos éticos e culturais.
<b>Design Popular</b>	Visa atender uma necessidade do povo; Segue orientação projetual prática e empírica; Não possui conhecimento científico; É rápido e direto; Pode ser produzido em série, porém não-industrial; Não tem intenção de representar a cultura local. É, quase sempre, comercial.

<b>Design Vernacular</b>	<p>Atende a uma necessidade única (pessoal);          Não possui conhecimento científico;          Não é produzido em série;          É rápido e direto;          Não é comercial;          Não tem objetivo de possuir carga estética;          Não tem intenção de representar a cultura local.</p>
--------------------------	---

Fontes: Herbert Viana Magalhães (s.d.), Walter Zanini (1938), Carlos José da Costa Pereira (1957) e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986).

Através destas análises, resultantes de pesquisas bibliográficas iniciais, pôde-se seguir uma metodologia para desenvolver o projeto. Como primeiro ponto, estabeleceu-se um quadro de definições, no qual há uma organização das formas de manifestação e conceitos, já referidas acima e suas variações. Esse quadro tem a finalidade de servir de embasamento às análises seguintes, permitindo destacar manifestações com fim lucrativo e outras sem fim lucrativo.

O artesanato é uma atividade cultural, que utiliza meios de produção distintos e, na sua maioria, rudimentares, voltada para a tradição do ofício e intermediada pelas gerações. Isso a torna extremamente significativa à contribuição para as raízes culturais de um povo e a constituição da sua identidade. É notável a carga industrial ou artesanal do objeto, a partir de sua estética pessoal e sensibilizada, ou coletiva proveniente de pesquisas de mercado.

No livro *Um olhar sobre o Design Brasileiro* (Leal, 2002, p. 85), lê-se:

No universo do design industrial, a criação de um objeto vai da configuração mental da peça à sua execução real; no universo popular, o processo é similar por ter a mesma intencionalidade, ao considerar as propriedades do material, os limites da técnica, a sugestão econômica e aspectos culturais; mas também é um processo inverso por partir de um pensar distinto.

Coincide com isso a questão do artesão como uma expressão popular, que diverge da objetividade da indústria, apesar de, em alguns aspectos, serem parecidos em sua metodologia e na escolha de critérios para a execução.

De acordo com esta análise, conclui-se ser o artesanato uma atividade que, primordialmente, não visa atender a uma necessidade, mas está voltado, em alguns casos, para fins lucrativos e noutros contextos não visa este interesse específico.

No que tange ao artesanato de caráter não-lucrativo, ele foi criado para ser exposto e, por conta disto, é essencialmente decorativo. Possui uma carga estética que pode refletir um gosto individual, mas não há produção em série, tendo características mais artísticas e pessoais. É este que define a essência primitiva do artesanato. Todavia, a categoria com fim lucrativo é a continuidade desse anterior. Há uma relevante produção em série manufaturada e aparece como evidente na representação de culturas locais. É, por outro lado, artístico também, pois o trabalho permanece pessoal.

Por enquanto são esses os resultados obtidos. A pesquisa deverá prosseguir, especialmente para se conhecer melhor as comunidades artesanais e, em especial, aquelas, como Maragogipinho, Malhada Grande, Santa Brígida, onde, conhecidamente, os designers já vêm interferindo na prática.

Dar-se-á continuidade através da pesquisa de campo, efetuada por meio de entrevistas informais com os artesãos presentes em ruas e alguns trabalhadores informais, visto que alguns deles utilizam a criatividade e a produção de objetos singulares, pois delas depende a sua sobrevivência. Outras entrevistas, acompanhadas de um questionário melhor elaborado, deverão complementar as informações, pois, de início, há a proposta de se fazer apenas uma comparação entre os conceitos obtidos, através da bibliografia e da prática.

A pesquisa iconográfica está sendo feita através do levantamento e análise fotográficos, que vêm sendo realizados pelos componentes do grupo e pertinentes à pesquisa iconográfica. Outras fotos foram cedidas pela professora orientadora Maria Helena Ochi Flexor, colhidas por trabalhos desenvolvidos por alunos do curso de Design Gráfico da UNIFACS do 4º semestre 2005.2.

A partir desse levantamento inicial, procurou-se construir uma ficha para cada peça, na qual são registrados todos os dados essenciais sobre elas, tais como: autor, local, materiais utilizados, finalidade, histórico, utilidade, descrição formal, cores, dentre outros, buscando catalogar o maior número de peças para se poder chegar a dados e conclusões mais seguros.

Numa outra fase, pretende-se realizar entrevistas com os integrantes das cooperativas e órgãos que estão dando apoio na propagação do artesanato, como o caso do SEBRAE, Secretarias de Promoção ou Bem-Estar Social. Já foi realizada uma visita ao SEBRAE e efetuada uma entrevista informal, com um dos responsáveis, sobre o artesanato do Estado, por meio do qual se obteve informações sobre o programa Bahiarte, que tem por finalidade colaborar para o desenvolvimento favorável do setor artesanal como um meio de promover a atividade cultural, a economia e a sustentabilidade dos municípios participantes.

O programa Bahiarte de artesanato foi iniciado em 1995, pelo SEBRAE, com o objetivo de atender comunidades que produzem peças mais genuínas, de características culturais, contemplando também formas de expressões contemporâneas. O SEBRAE não sugere intervenções na técnica, mas faz com que o produto se torne mais competitivo no mercado, criando várias interfaces com outras áreas de conhecimento e tecnologia, dentre elas o design.

Entre as comunidades apoiadas pelo SEBRAE destacam-se as de Malhada Grande, Região Sisaleira, Santa Brígida e Maragogipinho.

Vale também ressaltar a participação de outros órgãos que fomentam o artesanato, como o Instituto Mauá; o PROMO (Centro Internacional de Negócios da Bahia – Sociedade sem fins lucrativos, que contribui nas exportações baianas), focado na exportação e, o governo do Estado, com o programa da Secretaria de Combate à Pobreza, todos contribuindo para a inserção dos produtos artesanais no mercado.

Observa-se, porém, nestes dados já coletados no SEBRAE, que aquele programa possibilita mudanças gradativas nas condições de vida dos artesãos e fortalece, de certa forma, esta atividade como fonte geradora de renda. Aliás, é o que tem despertado, nos trabalhadores artesanais, uma forte vontade empreendedora, critério bastante decisivo para a constituição de uma visão cooperativista ou empresarial do setor, antes inexistente. E, além disso, ele promove a melhora na qualidade de vida, por meio da inserção de postos de trabalhos, geração de renda e consolidação da identidade cultural das comunidades, o que vem resultando na mudança do artesanato original das comunidades.

Justamente por isso, é intenção do Projeto do Grupo da Cozinha Popular verificar, também, os resultados práticos positivos e negativos dessa ação de instituições governamentais, e mesmo as não-governamentais, nas comunidades que são identificadas por seu artesanato tradicional.

Pretende-se, igualmente, verificar em que medida se pode auxiliar e promover os produtos dessas comunidades, criando uma identidade, sem intervir nas formas, nos processos, enfim, nos produtos tradicionais.

## CONCLUSÕES

A partir dos dados resumidos no quadro de definições, conclui-se que as diferentes definições são ainda muito confusas nos olhares coletivos e mesmo nos estudos empíricos.

Por outro lado também é encontrada, mesmo em âmbito científico, a presença de profissionais e estudantes de áreas de projeto e artes, incorporadas num mesmo indivíduo. O

motivo dessa indefinição não é claro, mas é possível deduzir-se que ainda pouco tem-se feito em favor desses estudos; que é preciso o apoio fundamental da ciência na compreensão da cultura e expressão popular, não apenas com o objetivo de buscar oportunidades de renda comercial, mas principalmente o respeito pelas raízes que sustentaram as comunidades ao longo da história.

A chegada da indústria não deve fechar os olhos da população para as vendas e os lucros empresariais, mas deve ser vista como outro ramo de atividade presente na atualidade e capaz de compartilhar o espaço com as manifestações mais tradicionais, como o folclore, a arte popular, o design informal e o artesanato.

Sobretudo, com base nas propostas deste Projeto, é fácil verificar a importância da valorização das comunidades artesanais, pois a preservação da cultura artesanal contribui significativamente para o registro histórico de diferentes épocas, revelando toda a carga estética peculiar a cada artesão – representante do povo –, e traz à luz as mais profundas raízes que sustentaram a expressão artística e cultural da sociedade.

Assim, espera-se contribuir para a proteção da cultura artesanal, através da intervenção do design gráfico e com o apoio de instituições governamentais ou não-governamentais, alertando os profissionais da área quanto à importância da preservação das características da criação popular, sem influências estéticas de cunho científico, mas melhorando suas formas de divulgação e comercialização e, como consequência, das condições de vida dos artesãos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana Trindade de e FERREIRA, Eber Lopes. Design popular. In: JOPPERT, Joice. *Um olhar sobre o design brasileiro*. São Paulo: Objeto Brasil, Instituto Uniemp, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

DORFLES, Gilo. *Introdução ao desenho industrial*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1963. (Col. Arte e Comunicação).

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE de HOLANDA. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HUBERMAN, LEO. *História da riqueza do homem*, 2ªed. Tradução de Waltenser Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE. *Sala do artista*. Local: FUNARTE, 1987.

JOPPERT, Joice. *Um olhar sobre o design brasileiro*. São Paulo: Objeto Brasil; Instituto Uniemp; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MAGALHÃES, ÁLVARO. *Dicionário enciclopédico brasileiro*. Rio de Janeiro: O Globo, 1935.

MAGALHÃES, HERBERT VIANA de. *A natureza do desenho industrial*. Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, s.d.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Sete brasileiros e seu universo; artes e ofícios origens permanências*. Distrito Federal: Departamento de Documentação e Divulgação, 1974.

PEREIRA, Carlos José da Costa. *A cerâmica popular da Bahia*. Salvador: Imprensa Vitória, 1957.

ZANINI, WALTER. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1938. v. 2.